



GT 06. Antropologia da Economia

Coordenador(es):

Arlei Sander Damo (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Gustavo Gomes Onto (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1

Debatedor/a: Lúcia Helena Alves Müller (PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Desde o nascimento da nossa disciplina os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, as formas de valoração e de provimento das condições materiais de continuidade da vida foram objeto de descrição e interpretação a partir dos modos de vida dos “outros”. As teorias econômicas já tinham grande importância nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas últimas décadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A importância dos especialistas, sejam acadêmicos ou gestores governamentais, nunca foi tão grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de políticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a própria definição sobre o que seja “a economia” ou que caracterize algo – prática, teoria – como “econômico”. A Antropologia da Economia vem ganhando novo fôlego no país, com a organização de diversos eventos e publicações acadêmicas voltados a essa área de estudos. O objetivo do GT é propiciar um espaço dedicado a colocar em diálogo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico, como a relação com as práticas familiares, a intimidade, a religião, o consumo, a dívida, as moralidades, o Estado e assim por diante.

Bem-estar social de mercado: A política dos seguros privados e o governo das desigualdades no Brasil

Autoria: Deborah Rio Fromm Trinta (UNICAMP)

Este artigo analisa o projeto do setor segurador privado para assumir o papel de protagonista na garantia de proteção social, e investiga suas consequências para a administração das desigualdades. A centralidade do tema na estruturação da racionalidade moderna de proteção social já vem sendo assinalada desde os anos 1980 e a literatura anglófona recente vem destacando a importância de pesquisas sobre o setor para o conjunto das Ciências Sociais, sendo considerado um componente-chave da economia política contemporânea. No Brasil, assim como em outros países, políticas de austeridade têm sido implementadas ocasionando impactos significativos na redução de seguros e benefícios sociais. Para meus interlocutores é a conformação de um ambiente favorável aos negócios e à expansão da iniciativa privada. Considerando o ainda incipiente desenvolvimento de uma antropologia do seguro, argumento que as relações entre Estado e mercado segurador são centrais para compreender a questão social sob hegemonia neoliberal. Considerando o seguro (tanto social quanto privado) enquanto um importante instrumento de governança, este paper desenvolve dois pontos centrais. O primeiro diz respeito à racionalidade do seguro enquanto uma tecnologia de governo das desigualdades, uma vez que a reparação econômica tensiona os mecanismos de acumulação e redistribuição de recursos. Para tanto, serão trazidos dados sobre o desenvolvimento do setor de seguros privados no Brasil e seu papel no contexto político-econômico contemporâneo. E o segundo ponto analisa o crescente engajamento político de seus representantes, durante a última década, justificada, sobretudo, na formulação de um projeto de proteção social via mercado. Nesta parte, serão analisados materiais produzidos



pelo setor e falas de representantes que explicitam um empenho em incluir populações de baixa renda no mercado de seguros, sobretudo, a partir do desenvolvimento de produtos mais baratos, chamados de seguros inclusivos ou populares. Os dados apontam para um esforço de expansão das fronteiras de investimento e acumulação do setor comercial de seguros para a área da proteção social, sobretudo, com a substituição de serviços estatais ofertados para as parcelas de baixa renda da população. Esta pesquisa está baseada no uso de diferentes recursos metodológicos: i) etnografia multilocal desenvolvida (entre 2017 e 2019), em eventos, entidades e empresas do mercado de seguros brasileiro; ii) compilação e análise de materiais secundários, tais como reportagens, documentos oficiais e publicações produzidas pelo setor; iii) reconstrução analítica de trajetórias de personagens do mercado segurador; iv) entrevistas realizadas com corretores de seguros, representantes do setor, diretores e funcionários de empresas seguradoras.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: